

**A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM ALTERNATIVA E O TURISMO RELIGIOSO  
NO DISTRITO DE SANTO ANTÃO – SANTA MARIA – RIO GRANDE DO SUL –  
BRASIL**

**Elsbeth Léia Spode Becker**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. adjunta na área das Ciências Humanas  
Centro Universitário Franciscano – UNIFRA  
elsbeth.geo@gmail.com

**Adriana Pisoni da Silva**

Prof<sup>ª</sup>. Ms. assistente  
Faculdade de Turismo no Centro Universitário Franciscano – UNIFRA  
adrianapisoni@gmail.com

**Kalinca Léia Becker**

Prof<sup>ª</sup>. Ms. assistente  
Faculdade de Economia na Universidade do Pampa – UNIPAMPA  
kalincabecker@hotmail.com

**Resumo**

O artigo descreve o rito de fé e de religiosidade no Morro do Santo Antão, distrito de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Após uma breve apresentação histórica da origem da fé e da religiosidade desencadeada, no morro, a partir da introdução da imagem do santo e dos rituais de cura, objetivou-se descrever os rumos deste fenômeno enfocando as relações sociais e a memória coletiva. A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa que relaciona a cultura como interação entre a interpretação e a experiência na construção da identidade do lugar. Concluiu-se que o rito de fé e de religiosidade dedicadas ao abade Santo Antão constitui uma paisagem alternativa, designada por meio de um símbolo espacial do imaginário coletivo que aponta para um sentido e confere uma identidade ao distrito, contribuindo para o turismo religioso no município de Santa Maria.

**Palavras-chave:** Identidade. Lugar. Cultura.

**THE INTERPRETATION OF THE ALTERNATIVE LANDSCAPE AND RELIGIOUS  
TOURISM IN THE DISTRICT OF SANTO ANTÃO - SANTA MARIA - BRAZIL**

**Abstract**

This paper describes the ritual of faith and religion in the Santo Antão Hill, district of Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brazil. After a brief historical presentation of the origin of faith and religion unleashed on the hill, from the introduction of the image of the holy and healing rituals aimed to describe the course of this phenomenon focusing on social relationships and collective memory. The methodology is based on the state of the art in view of qualitative research that relates the interaction between culture as the interpretation and experience in building the identity of the place. It was concluded that the rite of faith and religion dedicated to Santo Antão Abbot is a landscape alternative, designated by a symbol of the collective

imaginary space that points to a meaning and gives an identity to the district, contributing to the religious tourism in the city Santa Maria.

**Keywords:** Identity. Place. Culture.

## **Introdução**

A paisagem é um modo de representação da natureza e da imagem cultural do espaço geográfico. O tema deste trabalho é a paisagem como uma das formas simbólicas do espaço, portanto, como uma forma cultural.

O espaço geográfico é um suporte na vida dos indivíduos e dos grupos independente dos estágios de desenvolvimento tecnológico. Ele resulta da ação humana que interfere na realidade natural e cria paisagens humanas e humanizadas. Assim, o espaço geográfico modifica-se constantemente, e as paisagens incorporam novos objetos e novas técnicas criadas pelo conhecimento e pelo trabalho humano. Essas modificações relacionam e inter-relacionam os diferentes espaços geográficos, criando novas paisagens nas quais o ‘velho’ e o ‘novo’ coabita.

Os lugares e as paisagens ganham novas ‘leituras’ e as interpretações fazem parte da memória coletiva. A lembrança daquilo que ocorreu no passado consegue atribuir forte valor sentimental a certos lugares.

No município de Santa Maria a fé e a religiosidade introduziu uma identidade dominante à paisagem da região central do estado do Rio Grande do Sul, fortemente influenciada pelos rituais cristãos do catolicismo. A cidade é sede da Romaria Estadual da Medianeira que, anualmente, é acompanhada por romeiros de Santa Maria, demais cidades do estado do Rio Grande do Sul, de outros estados do Brasil, e de peregrinos de outros países.

Os nove distritos e a sede de Santa Maria mantêm e cultivam a forte influência religiosa a partir do catolicismo e a predominância à devoção e à Romaria de Nossa Senhora Medianeira. No entanto, há outra manifestação de fé que coabita em meio a paisagem dominante de devoção a Nossa Senhora Medianeira. A peregrinação ao Cerro do Campestre, desde 1846, marca a história de Santa Maria e imprime uma paisagem alternativa que apresenta menor visibilidade, mas preserva antigos ritos e símbolos da peregrinação ao Cerro do Campestre até transformar-se na tradicional Festa de Santo Antônio Abade, no distrito de Santo Antônio.

Hoje a cidade de Santa Maria é conhecida pela Romaria de Nossa Senhora Medianeira, no entanto, a Festa do Campestre foi, até a década de 1930, uma das maiores no interior do estado. O evento ainda é realizado, anualmente, no distrito de Santo Antônio, sendo o mais antigo da região e o distrito mantém sua história ligada a fé e a religiosidade dedicadas ao seu padroeiro, Santo Antônio, e às atividades primárias desenvolvidas em pequenas propriedades rurais além de manter um espaço geográfico com raras e bucólicas paisagens rurais.

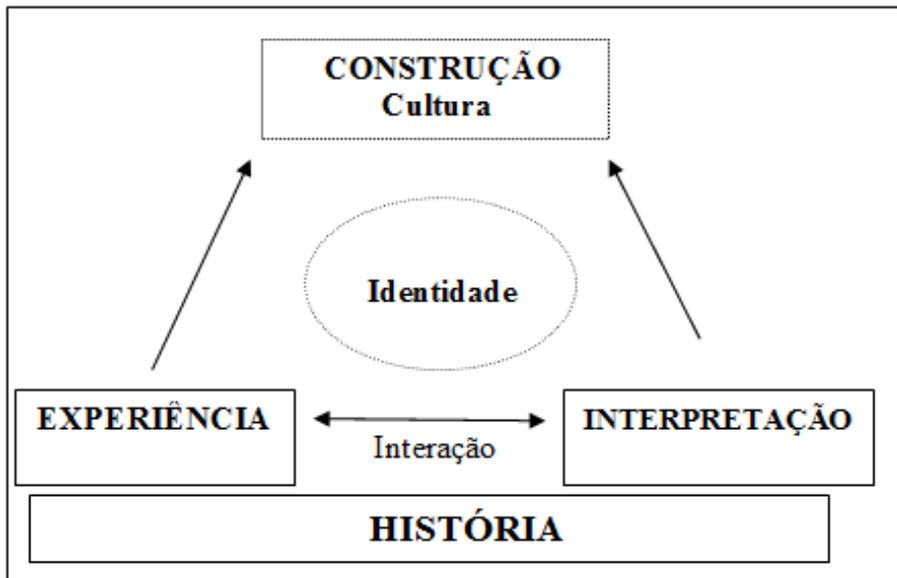
Neste sentido, é importante investigar e constatar se existe um enclave cultural caracterizado pela fé e religiosidade, no distrito de Santo Antônio. Para alcançar esta constatação objetivou-se, neste artigo, caracterizar e delimitar o distrito de Santo Antônio e sua relação com a fé e a religiosidade dedicadas ao abade Santo Antônio.

### **Metodologia**

A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa. As principais obras de referência utilizadas no trabalho remetem à história de Santo Antônio e, neste caso, a principal obra consultada é “Sobre as Ruínas da Velha Matriz” de Alexandre de Oliveira Karsburg e para a abordagem cultural são pesquisadas as obras “Geografia Cultural” de Paul Claval e “A Dimensão Cultural do Espaço” de Roberto Lobato Corrêa. A “leitura da paisagem, símbolos e identidade” é embasada em Denis Cosgrove.

Na perspectiva da pesquisa qualitativa considerou-se que o mundo é socialmente construído através de diferentes formas de conhecimento: do conhecimento cotidiano à ciência e à arte como diferentes “modos de concepção de mundo”. Segundo Flick (2009) a pesquisa qualitativa é uma análise destes modos de concepção de mundo e dos esforços construtivos dos participantes em sua vida cotidiana. A concepção de mundo e o esforço construtivo dos indivíduos e dos grupos, dá uma matriz cultural à paisagem e designa uma identidade ao lugar (figura 1).

Figura 1- A cultura como interação entre a interpretação e experiência na construção da identidade



Fonte: Adaptado de Flick, 2009, p. 86.

A proposta deste estudo relaciona os modos de concepção de mundo e os esforços construtivos dos indivíduos, em sua vida cotidiana, a partir do estudo da experiência natural e social da formação e da história do distrito de Santo Antônio e da interação da experiência com a interpretação dos significados, conforme proposto por Cosgrove (1984). Segundo este autor, a concepção de mundo e o esforço construtivo fornece uma matriz cultural à paisagem e designa uma identidade ao lugar. No contexto situacional desta identidade, as interações sociais e culturais são analisadas a partir dos significados subjetivos e simbólicos descritos pela população local em sua representação na fé e na religiosidade ao seu padroeiro, Santo Antônio.

### **Pequena abordagem conceitual da cultura e sua relação com a identidade**

Apesar da globalização, nem todas as sociedades dispõem do mesmo arsenal de conhecimentos e técnicas, e do mesmo registro de interpretações e de motivações. Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação formal e não-formal que receberam. A cultura aparece, assim, como uma herança e entendida como “o conjunto daquilo que é transmitido e inventado” (CLAVAL, 1995, p.1), pela dinâmica da inovação, da difusão de atitudes, ideias e valores.

As formas segundo as quais a cultura é transmitida de uma geração a outra ou de um lugar a outro são diversificadas e dependem de vários fatores: Algumas formas de transmissão podem ser favorecidas pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações; outras dependem do meio natural e do nível técnico. Em todas as situações, as formas de transmissão das culturas contribuem amplamente para a diversidade das sociedades, apesar do mundo unificado pela globalização das comunicações e dos transportes.

A paisagem constitui-se num conceito-chave na abordagem da cultura e da identidade de um lugar, pois tem o papel de articular o saber sobre a natureza com o saber sobre o homem e integrar o conhecimento cotidiano à ciência e à arte. Assim, a paisagem é entendida como “um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2002, p. 103). A paisagem é construída a partir da percepção dos sujeitos, sejam eles turistas ou moradores, depende da presença de um observador sensível que interpreta as qualidades estéticas do espaço geográfico (BOULLÓN, 2002).

A paisagem cultural é um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas, os caminhos, as casas, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza.

Muito do simbolismo da paisagem reproduz as normas culturais estabelecendo os valores de grupos dominantes para toda uma sociedade. No entanto, a cultura dominante não é vivenciada passivamente por todos, especialmente, por aqueles que a recebem como imposição ou como herança: estes reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aspirações profundas.

Os modelos que a cultura oferece não são, então, imutáveis. Inovações intervêm. Algumas são rejeitadas ou levam tempo para se imporem. Outras são rapidamente adotadas. As culturas são realidades mutáveis.

O lugar e a paisagem é, de um lado, o resultado de uma cultura dominante que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural. Como resultado, a paisagem e o lugar, são “uma vitrine permanente de todo o saber” (CLAVAL, 1995), formal e não-formal, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica.

Cosgrove (1998, p. 5) observa que a paisagem “contém um significado simbólico,

porque é produto da apropriação e transformação da natureza”, na qual foi impressa, através de uma linguagem, dos símbolos e dos traços culturais do grupo e para entendê-la é necessário decodificá-la, aprendendo a ler seu significado.

A partir de uma visão crítica Cosgrove (1998) identifica dois tipos gerais de paisagens. O primeiro é a paisagem da cultura dominante, um dos meios através dos quais o grupo dominante tem o seu poder.

O segundo tipo é constituído pelas paisagens alternativas, criadas por grupos não-dominantes e que, por isso mesmo, apresentam menor visibilidade. Trata-se de paisagens próprias, muitas vezes, pouco valorizadas aos olhos da cultura dominante, mas rica em símbolos e significados para o grupo praticante.

Cosgrove (1998) propõe trabalhar as paisagens de forma crítica e original, incorporando a dimensão simbólica. Segundo o autor, a paisagem pode ser definida como uma área composta por associação de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.

A paisagem é, portanto, um signo (dizível) que integra o imaginário social local e que aponta para um sentido (indizível), mais que ao objeto sensível que lhe serve de referência. Na perspectiva de alguns imaginários sociais, a paisagem tem feito do entorno exterior e visível a chave para a interpretação do sentido da vida humana (FÍGOLI, 2006). O processo de construção da paisagem pelo imaginário social revela-se na representação das práticas sociais que lhe dá novo conteúdo e significação.

A dimensão simbólica do espaço é uma forma cultural que pode ser expressa por diversas formas, ritos, mitos e crenças. A fé e a religiosidade constroem fortes laços entre os indivíduos e grupos de indivíduos, transmitidas como heranças culturais e que se constituem em formas simbólicas do espaço e designam identidades à paisagem.

No caso em estudo, a paisagem do distrito de Santo Antônio, imbuída de fé e religiosidade, tem constituído a base construtiva de um longo e complexo processo de sistema simbólico local, na qual está assentada a identidade de seus habitantes.

### **Recorte espacial e religioso da pesquisa**

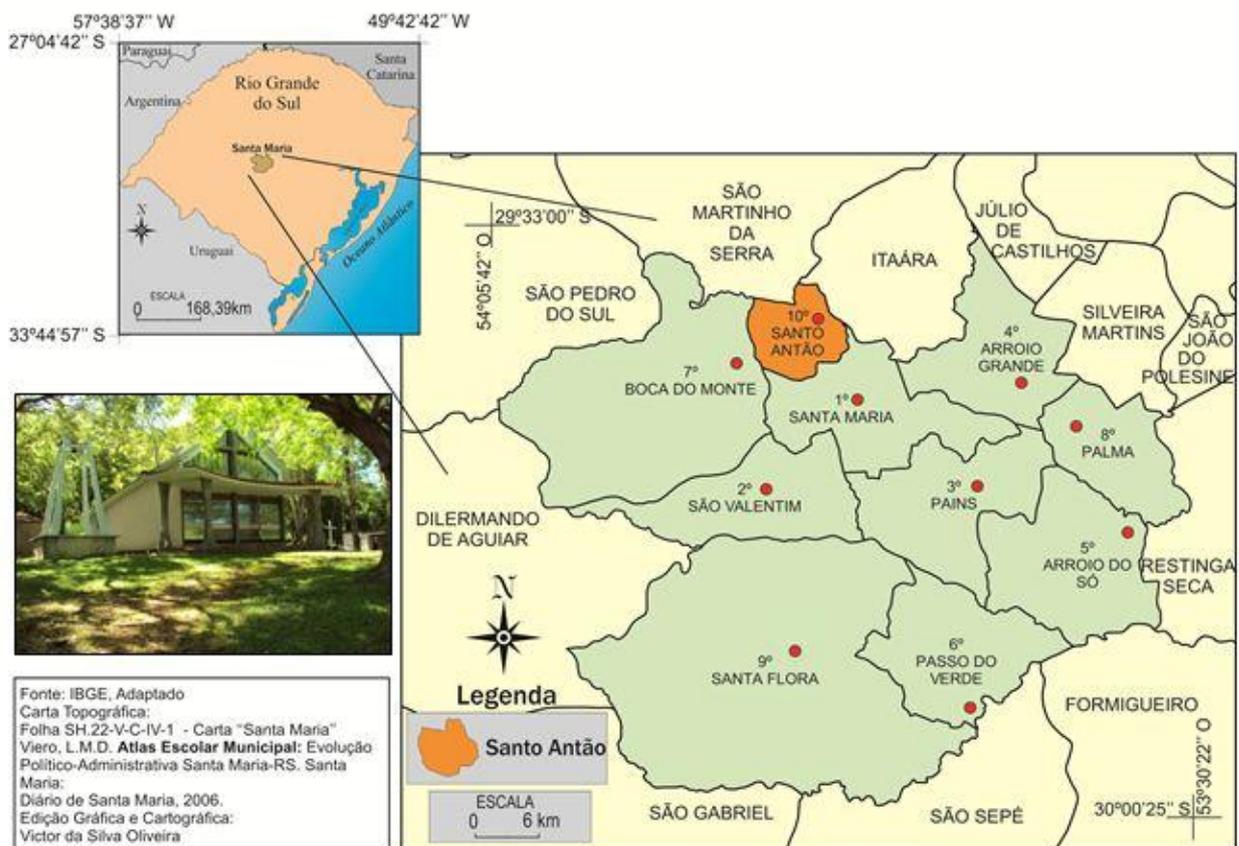
O distrito de Santo Antônio, no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, localiza-se na região central do estado, entre as coordenadas geográficas 53°35' e 54°08' de longitude oeste e 29°33' e 34°00' de latitude sul.

## A interpretação da paisagem alternativa e o turismo religioso no Distrito de Santo Antônio – Santa Maria – Rio Grande do Sul- Brasil

*Elsbeth Léia Spode Becker; Adriana Pisoni da Silva; Kalinca Léia Becker*

Santo Antônio, localizado ao norte da cidade, com uma área de 51,70 km<sup>2</sup> e 11 Km distante da sede (Figura 2), tem como limites: ao Norte: Estrada Municipal Armando Arruda limite intermunicipal - Santa Maria - São Martinho da Serra; ao Leste: nascente da Sanga da Água Negra - divisa intermunicipal Santa Maria – Itaara; ao Sul: Estrada Nova para São Martinho da Serra, divisa Santa Maria - São Pedro do Sul e ao Oeste: da ponte da ferrovia sobre o Arroio Ferreira, limite intermunicipal - Santa Maria - São Martinho da Serra.

Figura 2 – Localização do Distrito de Santo Antônio no Município de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul e, no detalhe, a Capela de Santo Antônio.



Santo Antônio tem sua história ligada à fé cristã católica, com uma religiosidade marcante entre os moradores do Distrito destinada ao padroeiro Santo Antônio. A capela de Santo Antônio (no detalhe da figura 2) é uma das unidades religiosas mais antigas do município de Santa Maria.

A origem dessa influência religiosa mistura-se à história do monge italiano João Maria de Agostini, que imprimiu laços de pertencimento e de espiritualidade entre o lugar e o Santo. No Livro de Registros de Estrangeiros apud Karsburg (2007, p. 132), o monge Giovanni Maria de Agostini foi descrito de “estatura baixa, 43 anos, cor clara, cabelos grisalhos, barba

cerrada, aleijado dos três dedos da mão esquerda”, quando ele chegou a Sorocaba, em 1844. Mas foi com o nome de João Maria de Agostini que o italiano ficou mais conhecido.

O monge João Maria foi enviado à América a serviço da Igreja, levando a palavra de Deus de quem se dizia um enviado. Fé e, principalmente, promessas de cura e de misticismo, atraíram muita gente por onde ele passava. Peregrinou por terras do sul do Brasil e no interior da Argentina com a tarefa de catequizar índios charruas. Nestas andanças, estava voltando ao Brasil pela estrada do Campestre e acabou se estabelecendo no morro onde hoje fica a ermida de Santo Antônio, entre 1846 e 1848 (KARSBURG, 2007).

No morro, o monge descobriu uma fonte de água pura que denominou de ‘milagrosa’ e com a qual tratava moléstias de pele. A notícia que as águas curavam se espalhou rapidamente e atraiu a atenção de autoridades. O jornalista Mario de Azevedo, de Porto Alegre, acompanhou o monge por 35 dias no morro do Campestre e escreveu “a longa barba e o hábito atraíram os simples que o tomavam como um novo messias”. A notícia repercutiu nos jornais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro que era a capital do império na época. (KARSBURG, 2007, p. 131).

Os populares se multiplicavam em volta do morro, em busca de aconselhamento e de cura para moléstias. Então, o monge João Maria construiu uma pequena capela e buscou uma imagem de Santo Antônio em uma igreja em ruínas nos Sete Povos das Missões e organizou um ritual de procissão e assim, como Cristo, nomeou 12 ajudantes, que zelavam pela ritual (PILLON, s/d). O monge João Maria deixou um documento, no qual determinava como devia ser o ritual da festa de Santo Antônio, o qual é seguido até hoje na festa de Santo Antônio que ocorre, anualmente, no dia 17 de fevereiro.

Nesta época, a Vila de Santa Maria tinha pouco mais de 2 mil moradores. Entre janeiro e março de 1848, estima-se que 9 mil pessoas tenham passado pelo morro. Pelo menos 200 teriam ficado acampadas por lá. Segundo Karsburg (2007), a movimentação chamou a atenção das autoridades, que mandaram um médico examinar a água. O resultado saiu em maio de 1849 e dizia que elas não tinham propriedades medicinais.

Segundo Karsburg (2007), nessa época o monge já tinha ido para o Cerro do Botucaraí, em Candelária. Depois, teria sido proibido de ficar no estado por conta do “fanatismo” que se formava com a sua presença. O monge João Maria foi sepultado no Novo México, nos Estados Unidos, em 17 de abril de 1869.

A primeira imagem de Santo Antônio, trazida de São Miguel, já não existe mais porque queimou junto com a ermida original, em 1951, onde eram acesas muitas velas. A segunda imagem de Santo Antônio (figura 3) foi feita em Santa Maria (PILLON, s/d).

A festa em honra do santo contempla a parte religiosa, com a missa, procissão, novena, orações e, outra, uma parte profana, com o almoço comunitário. Desde a sua origem, até a atualidade, a festa mantém seu ritual. Na narrativa de Pinto (s/d), a festa iniciava pela manhã com a descida da imagem de Santo Antônio da capelinha no alto do morro para a capela maior, “com toda solenidade, ao som de antigos cânticos das missões jesuíticas”. A novena começava a noite com a procissão e sai percorrendo o Campestre com a imagem do santo. Na manhã seguinte, ocorre a subida da imagem para a capela no alto do morro (figura 4). É o momento de pagar promessas, morro acima, pedir graças, beber da água milagrosa e lavar as feridas na fonte. Algumas mulheres, segundo BELÉM (2000, p. 205) carregavam pedras na cabeça como penitência; outros, os pés sangrando, ficavam pelo caminho, não conseguiam chegar ao alto, devido declividade íngreme do relevo.

Figuras 3 e 4: Imagem de Santo Antônio e capela no sopé do Morro.



Fonte: Acervo Secretaria de Município de Turismo de Santa Maria (2011).

## Resultados e discussão

O contexto situacional da construção da identidade do distrito de Santo Antônio remonta à história do Brasil imperial, no século XIX, às interações sociais e culturais da cristianização do Novo Mundo e à singularidade topográfica da região, entre a Depressão Central e o Planalto Meridional Brasileiro.

A chegada do monge ao Cerro do Campestre, em 1846, trouxe uma série de acontecimentos ao lugar e o cenário do Cerro do Campestre tornou-se uma mistura de fé,

religiosidade e práticas de cura. Atualmente, o Cerro do Campestre é denominado de Morro Santo Antônio.

A expectativa do contato com o homem santo, o monge João Maria Agostini, acabou atraindo milhares de crentes ao local, que buscavam curas para as mais diversas doenças (WITTER, 2001). As pessoas subiam o cerro enfrentando uma trilha muito íngreme. Por orientação do monge João Maria, foram afixadas dezessete cruzeiras ao longo do trajeto, compondo a “via-sacra”, onde os devotos, em peregrinação, rezavam e mortificavam o corpo pelo esforço da subida (KARSBURG, 2007).

Segundo Priore (2000, p. 90), no Brasil do período imperial, as comunidades viam na doença um sinal de castigo, provação ou aviso de Deus, e não “titubeavam em recorrer às peregrinações a locais considerados milagrosos como forma de combater achaques”. E, por tal motivo, provavelmente, o Cerro do Campestre passou a ser um local muito procurado pela população.

A água é outro elemento que comporta um forte apelo simbólico nas mais diversas religiões e, no cristianismo, a água traz a ideia da purificação, da libertação e da renovação, quando vinculada às palavras de fé, aos gestos e aos ritos. Segundo Durkheim (1989) a voz, os movimentos e os gestos realizados em ritos e, por vezes, vinculados à água, podem produzir efeitos na crença e no imaginário, prescindindo de ajuda de qualquer deus ou espírito.

A água da fonte na encosta do morro e abençoada pelo monge passou a produzir efeitos no imaginário popular. A “água santa” ou “fonte do monge” ou “fontes dos milagres” orientada aos rituais da fé e da religiosidade ganha um apelo popular muito significativo. Todos buscavam a água miraculosa na esperança da cura para os males físicos e espirituais. Apesar de ter sido atestado que as águas não curavam e não constituíam propriedades medicamentosas, os rituais permaneceram vivos na comunidade local. Acreditava-se que não somente a água da fonte era santa como, também, o barro que existia nos arredores da fonte.

Os rituais ligados à subida do morro, às águas e à devoção ao santo permanecem no imaginário coletivo e no cotidiano dos moradores do distrito. Tem-se, atualmente, na cidade de Santa Maria e na região central do estado do Rio Grande do Sul, uma identidade dominante influenciada pelos rituais cristãos do catolicismo e atrelada à Romaria Estadual da Medianeira<sup>1</sup>. Assim, os distritos, a sede de Santa Maria e toda a região central do estado, mantêm e cultivam a forte influência religiosa a partir do catolicismo e a predominância à devoção e à Romaria de Nossa Senhora Medianeira. Na leitura e na interpretação da paisagem, segundo Cosgrove (1998) prescreve a paisagem da cultura dominante, entendida

como a reprodução da cultura que predomina efetivamente e que atribuí seus símbolos à paisagem. No entanto, em meio às paisagens culturais dominantes coabitam outras, as paisagens alternativas, de menor expressão e criadas por grupos não dominantes ou minorias e que, por isso mesmo, apresentam menor visibilidade.

Essa identificação é possível confirmar no espaço de análise do distrito de Santo Antônio, onde ocorre, sem concorrer, outra manifestação de fé que coabita em meio a paisagem dominante de devoção a Nossa Senhora Medianeira. A peregrinação ao Morro Santo Antônio imprime uma paisagem alternativa que apresenta menor visibilidade, mas preserva antigos ritos e símbolos da peregrinação inicial instituída pelo monge João Maria, até transformar-se na tradicional Festa de Santo Antônio Abade, no distrito de Santo Antônio.

A Festa de Santo Antônio ocorre, anualmente, no domingo próximo a data do santo, 17 de janeiro. Esta festa inicia com atos religiosos de uma missa, orações e uma procissão e, muitos romeiros, pagam suas promessas e buscam alívio para suas dores nas “águas santas” da “fonte do monge”, que mantêm sua história ligada a fé e a religiosidade dedicadas ao seu padroeiro, Santo Antônio, e às atividades primárias desenvolvidas em pequenas propriedades rurais além de manter um espaço geográfico com raras e bucólicas paisagens rurais. De acordo com o relato do senhor Carlos Borin, presidente da Capela, a festa chegou a reunir cerca de 5000 pessoas, os ganhos com a venda do churrasco, do almoço e dos doces são suficientes para a manutenção das despesas com a Capela em estilo moderno, concluída na década de 1970, e sua estrutura, composta de um salão de festas, galpões para jogos de bocha, outro com as churrasqueiras, cozinha, copa, banheiros. Segundo Durkheim (1989, p. 156) “os sentimentos humanos se intensificam quando se afirmam coletivamente”. Esta característica está presente na comunidade local, pois constata-se que a organização da festa, seja para preparar a capela e os arredores, limpar e roçar a subida do morro para a procissão, preparar os alimentos ou ainda servir os visitantes e limpar o local após o evento, é realizada, coletivamente, pelos moradores locais.

Além do sentimento de valorização ao aspecto religioso que confere uma identidade ao lugar e seus habitantes, é possível reconhecer em cada um dos devotos a apreciação da natureza quando destacam que o local da capela e da fonte é um lugar muito bonito pelo seu relevo e vegetação.

A ideia de apreciar a natureza pode ser constatada no trajeto de acesso ao Morro Santo Antônio que possui uma altitude de 420 metros, típico da unidade geomorfológica de Rebordo do Planalto, o que implica áreas com a declividade superior a 30%. A vista do alto favorece a

## A interpretação da paisagem alternativa e o turismo religioso no Distrito de Santo Antônio – Santa Maria – Rio Grande do Sul- Brasil

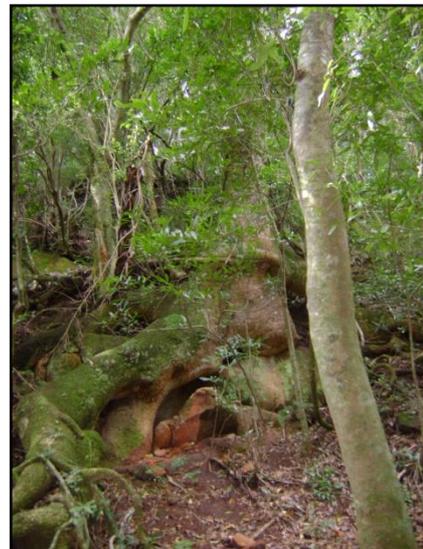
*Elsbeth Léia Spode Becker; Adriana Pisoni da Silva; Kalinca Léia Becker*

contemplação da paisagem do vale, dos pequenos córregos, da vegetação e da ocupação humana (agricultura em pequenas propriedades).

Observam-se várias espécies vegetais características da Biosfera da Mata Atlântica e uma vegetação de extrato secundário com árvores nativas da Floresta Subcaducifólia Decídua. A singularidade topográfica, marcada pela declividade do terreno e somado à vegetação nativa (figuras 5 e 6), oferece uma paisagem contemplativa que contribui para o imaginário coletivo místico da fé, da religiosidade e do sentido da vida humana.

A paisagem é muito mais que o simples espaço exterior ao homem. No distrito de Santo Antônio a paisagem (figuras 5 e 6) é um relato de uma história natural e cultural, desenvolvida e entendida na criação racional e ordenada do território, ligada ao município de Santa Maria e ocupada por pequenas propriedades rurais.

Figuras 5 e 6: Vista parcial no trajeto de subida e a paisagem no alto do Morro.



Fonte: acervo Secretaria de Município de Turismo de Santa Maria (2011).

Mais do que um território que a natureza e história cultural apresentam ao observador, o distrito de Santo Antônio é um cenário que supõe um olhar particular e único ao expsoectador. Essa singularidade é conferida pela história introduzida pelo monge João Maria a partir da experiência de fé e de religiosidade, e interpretada por meio de rituais que constroem o imaginário coletivo e a identidade do local, entendida como a paisagem alternativa.

O lugar e a paisagem de Santo Antônio é, de um lado, o resultado de uma cultura dominante que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural de uma paisagem alternativa. Como resultado, a paisagem e o lugar, são “uma vitrine permanente de todo o

saber” (CLAVAL, 1995), formal e não-formal, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica.

A paisagem alternativa existente no distrito de Santo Antônio se infiltra na paisagem religiosa dominante do município de Santa Maria sem, no entanto, concorrer ou transformar as expectativas daquilo que é, historicamente, mais representativo e identitário na história local. Dessa forma, a paisagem alternativa pode ser apreendida culturalmente como processo, gerada por lembranças não vivenciadas pelas gerações atuais, mas impregnada de significações simbólicas para os nativos e, também, para os peregrinos e os visitantes. Essa paisagem constitui-se, portanto, um processo que gera lembranças não vividas, mas espaços e símbolos desejados e para o desejo de promessas de encontro com os outros, cada um reunido conforme suas expectativas, motivações ou esperanças e seu desejo de vivenciar o simbólico remascente na paisagem e no imaginário da população local.

Infere-se que a identificação do distrito de Santo Antônio como paisagem alternativa pode representar uma potencialidade turística para o distrito e para o município de Santa Maria, auxiliando na ampliação da oferta do turismo religioso apontado na política municipal de turismo vigente como um dos seguimentos turísticos prioritários. O Ministério do Turismo (2006, p.14), define Turismo Religioso como aquele que “se configura pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas”. A população local deste distrito tem percepção sobre a singularidade cultural do distrito e valoriza as potencialidades naturais (relevo e vegetação e culturais (fé e religiosidade) e este sentimento de identidade pode significar uma anuência da comunidade local para o desenvolvimento do turismo religioso e uma alternativa para a geração de renda aliada a principal atividade do distrito: policultura em pequenas propriedades.

## **Conclusões**

A paisagem é um modo de representação da natureza e da imagem cultural do espaço geográfico. Portanto, a paisagem não é que apenas o meio onde o homem vive, mas é a própria vida do homem. A paisagem do distrito de Santo Antônio pode ser caracterizada como um relato da história natural e cultural, desenvolvida e entendida na criação racional e ordenada do território, ligada ao município de Santa Maria e ocupada por pequenas propriedades rurais.

O relato da história natural e cultural apresenta um cenário que supõe um olhar particular e único ao observador. Essa singularidade é identificada no rito de fé e de religiosidade dedicadas ao abade Santo Antônio, que constitui uma paisagem alternativa, designada por meio de um símbolo espacial do imaginário coletivo que aponta para um sentido e confere uma identidade ao distrito, independente da paisagem dominante no município de Santa Maria.

Essa paisagem, culturalmente apreendida como processo, é o resultado de uma interação múltipla, variada e complexa, do conjunto de elementos que constituíram a memória coletiva da própria experiência da população local e, atualmente, confere uma identidade ao distrito.

A identificação do distrito de Santo Antônio como paisagem alternativa pode representar uma potencialidade turística para o distrito e para o município de Santa Maria. Recomenda-se a paisagem alternativa do distrito como potencialidade turística, como temática em estudos futuros, para alavancar uma alternativa para o desenvolvimento local.

## Notas

---

<sup>1</sup>Para aprofundamento sugere-se a pesquisa de SILVA, Larissa Molinos da. Entre mitos e ritos: a Romaria da Nossa Senhora da Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria/RS. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, Santa Maria, 2011.

## Referências

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria: 1797-1933**. 3ª ed. Santa Maria: Editora da UFSM. 2000.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, São Paulo: EDUSC. 2002.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj. 1998.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. London: Croom Helm. 1984.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, Tempo e

Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj. 1998.

DURKHEIN, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas. 1989.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed. 2009.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as ruínas da velha matriz**. Religião e política em tempos de ferrovia. Santa Maria-Rio Grande do Sul 1880/1900. Santa Maria: UFSM, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília, 2006.

PINTO, B. **A Festa do Campestre**. In. Álbum do Centenário de Sta Maria - 1814-1914. S/editora, s/data.

PRIORE, Mary Del. (org.). **Magia e medicina na colônia: o corpo feminino**. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto. 2000.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845-1880)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.